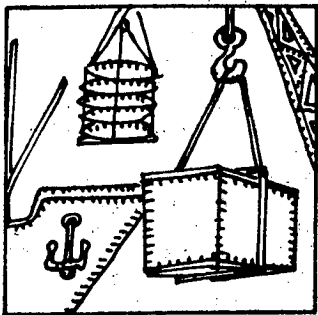


Exportação a preço menor

No primeiro semestre de 1985, o Brasil exportou mais a preços menores que os do mesmo período de 1984 e a baixa de preços é justamente um dos motivos da redução do superávit comercial dos cerca de US\$ 6 bilhões obtidos de janeiro a junho do ano passado para os US\$ 5,48 bilhões deste ano. Mesmo assim, estão garantidos 49,8% da meta anual de US\$ 11 bilhões de superávit da balança comercial, nota Michel Alaby, da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior.



De acordo com seus cálculos, no primeiro semestre, as exportações de produtos industrializados aumentaram 5% em volume e diminuíram 6,5% no preço médio, enquanto as de básicos registraram uma expansão de 7% em quantidade e redução de 5,7% em preço. "Ou seja, ainda estamos transferindo renda", afirma Alaby, considerando, porém, que o segundo semestre deverá ser melhor, não só por fatores sazonais, mas também pela maior estabilidade das moedas européias em relação ao dólar, a queda das taxas de juros internacionais, a redução dos juros das linhas de financiamento à exportação e a nova posição da Cacex em relação a mo-

dalidades diferentes de comércio, como o "countertrade".

Entre os fatores negativos do primeiro semestre, na área das exportações, Alaby destaca no âmbito externo a queda de preços dos produtos primários, crescente protecionismo dos Estados Unidos, flutuação das moedas européias em relação ao dólar, retração das economias da Europa e menor crescimento econômico nos EUA, virtual paralisação dos mercados latino-americanos, concorrência internacional mais aguerrida e a existência de grandes estoques de alguns produtos (como calçados e têxteis) em países desenvolvidos. No âmbito interno, entraram fatores negativos como a própria transição de governo, extinção do crédito-prêmio do IRI, indefinição da política de comércio exterior, mudanças de regras na documentação de exportação e escassez de recursos e altos juros dos financiamentos à produção para o mercado externo.

Mas houve também, internamente, as influências positivas da maior agressividade dos exportadores, melhor presença nos mercados internacionais de alguns produtos como máquinas e equipamentos, minérios de ferro, metalurgia e aços e laranja — os mercados que diminuíram foram os de calçados, têxteis, álcool, fumo e produtos agrícolas, principalmente soja —, além da nova política cambial de desvalorizações diárias do cruzeiro, que alguns interpretam como uma "mididesvalorização". Na verdade, segundo Alaby, a "mídi" só existiu se comparada à inflação ou ao Índice de Preços por Atacado do primeiro semestre (e, nesses casos, teria sido de 8% e 9,7%, respectivamente), mas não em relação à correção monetária, pois o reajuste cambial ficou 1,1% abaixo da evolução da ORTN.